



LITERATURA COMPARADA/INDISCIPLINA*

Eneida Maria de Souza*

Pretendo, neste breve comentário sobre literatura comparada, demonstrar minha constante intolerância quanto às críticas dirigidas aos rumos e desvios que, nos últimos tempos, tem sofrido a disciplina. A razão das controvérsias reside na concepção ainda moderna e pré-globalizada que impera nos departamentos de letras, impedindo o avanço da discussão em torno da comparada. Quanto mais se expande o conceito e a prática da transdisciplinaridade e da transnacionalização da literatura, menos se verifica uma atitude coerente da crítica comparada e literária frente a esses critérios. Não é de se estranhar que a disciplina tem passado por redefinições – ou tentativa de redefinições – ao

longo das últimas décadas, graças à emergência da releitura dos conceitos de multiculturalismo e globalização. Entre essas tentativas, vale mencionar os Congressos promovidos pela ABRALIC, nos últimos anos, e de livros publicados nos Estados Unidos, como *Comparative Literature in the age of multiculturalism*, editado por Charles Bernheimer, em 1995 (Baltimore: Johns Hopkins University Press) e *Comparative Literature in the age of globalization*, editado por Haun Saussy, em 2006 (Baltimore: Johns Hopkins University Press).

As mudanças de enfoque da disciplina e a complexidade dos objetos culturais são tributárias do próprio desconforto e das indefinições quanto ao lugar ocupado pela literatura

* Professora Titular e emérita de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG.

* Texto originalmente apresentado em Julho de 2011 no GT de Literatura Comparada da ANPOLL ocorrido na UFF, posteriormente publicado no livro *O contemporâneo na crítica literária* (Illuminuras, 2012).

comparada no âmbito da literatura mundial e mesmo da literatura. O mundo geopolítico não cabe mais nos antigos mapas e nos velhos escaninhos. No Brasil, a simultânea prática acadêmica da crítica cultural com a literatura comparada, no lugar de esvaziar a força desta, serviu para recuperar e redefinir conceitos ainda ligados à concepção aurática e essencialista da literatura. A recepção de teorias estrangeiras tanto culturais quanto literárias recebeu, no final dos anos 80, grande impulso, por estarmos iniciando o período de abertura política, o que provocou a emergência da criação de discursos até então marginalizados e censurados pela ditadura.

Entre os artigos presentes no livro *Comparative Literature in the age of globalization*, destaco o de David Ferris, intitulado “Indiscipline”, com o objetivo de inseri-lo na discussão aqui proposta. Para o crítico, a questão básica encontrada para a reflexão sobre o estatuto da disciplina é a de ser atualmente a literatura comparada dotada de falta de controle quanto à delimitação de seu objeto, além de apresentar fundamentação teórica e posição metodológica suspeitas, em virtude de sua natureza heterogênea e complexa. E acrescenta: a falta de definição para a disciplina a coloca ainda como distinta do conceito moderno de disciplina, com suas leis, campo definido e, o que é mais evidente, vinculado à idéia de estado-nação. Teria, então, a literatura comparada o estatuto de uma disciplina, ou estaria reforçando o conceito pós-moderno de

disciplina, a qual, desde seu nascimento no século 19 desconhece barreiras e limites disciplinares rígidos, convertendo-se em “indisciplina”, ou seja, uma disciplina que não se caracteriza como tal?

Was comparative literature then always, and avant *la lettre*, postmodern? Or is there something else at work in the history of its development, a logic that drives comparative literature to question continually what constitutes it as a discipline? Is this a logic that also ensures, in its calculation, that the answer to what comparative literature is should always fail in order to preserve the question? This inability to define itself, this failure to become a discipline, in effect, this indiscipline – why does it not disappear in the distraction of our presumed postmodernity?¹

Questões como essas conseguem promover o avanço nas discussões, não só porque o problema maior no momento tem sido a tentativa de departamentalizar e institucionalizar as disciplinas, pelo fechamento de sua atuação em áreas específicas, ao lado da necessidade de as instituições se precaverem contra o suposto embaralhamento interdisciplinar, provocado pela abertura teórica e metodológica das ciências humanas. A natureza pós-moderna da disciplina, inscrita na sua fragilidade conceitual e na quebra de fronteiras de área, na temática pós-colonial, étnica, de gênero e na variedade

1. FERRIS. *Indiscipline*, p. 80.

metodológica, culmina com o teor transnacionalista de seus objetos. A múltipla aceitação dos objetos de estudo da comparada, não se restringindo à literatura, é tributária da acusação, também de índole moderna, da extinção de um objeto único para a caracterização da disciplina.

Por congregar princípios de crítica cultural, a literatura comparada reveste-se de extrema atualidade num contexto mais globalizado – no bom e mau sentido do termo – ao serem ainda contestadas noções relativas a uma literatura, antes considerada como única, pela sua caracterização universal e colonialista. A pergunta que se elabora hoje o que comparar diante da heterogênea e múltipla manifestação de literaturas vistas de forma cada vez mais transnacionais? Spivak, em *Death of a discipline*, livro de 2003, insiste que o temor da indecidibilidade da disciplina por parte de seus intérpretes institucionais, a incerteza dos conceitos e de seu campo de atuação representam o traço residual da herança européia, da alta modernidade e da hegemonia aí perdida, ao se levar em conta a incerteza e a fragmentação de seus pressupostos. A antiga concepção de literatura comparada, nascida na Europa e tributária de valores hierárquicos e excludentes com relação às literaturas do Terceiro Mundo, estaria, segundo Spivak, condenada à morte, por não encontrar justificativas para sua sobrevivência. No seu lugar, a nova literatura comparada tende a respeitar e a não hostilizar

diferenças e povos, com o objetivo de processar a construção de coletividades contemporâneas, sem se sujeitarem aos rótulos da globalização e da mundialização.² Sandra Goulart de Almeida, no artigo “As literaturas estrangeiras modernas em tempos de pós e muito mais...”, ressalta essa diferença de enfoque entre as comparadas:

Volto então às palavras de Spivak sobre a importante construção de coletividades contemporâneas no mundo intrinsecamente cosmopolita – ponto crucial para se refletir sobre a literatura comparada e os estudos de área. Segundo a autora, as coletividades atravessam fronteiras sob os auspícios da literatura comparada, suplementada pelos estudos de área, e podem ser pensadas em termos de uma “planetariedade” compartilhada, em vez de continental, global ou mundial. Spivak delinea um novo sentido para o conceito de globalização ao contrastá-lo ao termo cunhado por ela, planetariedade, enfatizando a alteridade e humanidade do planeta em oposição à construção e artificialidade do globo”. (2003, p.72)³

Pelo teor marxista e de esquerda do pensamento de Spivak, sua posição diante da literatura comparada se apropria da teoria da amizade, desenvolvida por muitos autores, mas se posiciona de forma distinta às restrições feitas por Derrida aos conceitos de hospitalidade/hostilidade. Propõe no lugar de hostilidades e artificialismos causados pela globalização,

2. SPIVAK. *Death of a discipline*, p. 72.

3. ALMEIDA, *As literaturas estrangeiras modernas em tempos de pós e muito mais....*, p..99.

a abertura para maior aceitação do outro, o que resulta no apelo humanista. Essa posição, voltada para a atenção aos países emergentes, estaria talvez retomando a ideologia às avessas da globalização, por defender a aproximação entre literaturas periféricas. Diferenças à parte, percebe-se que os caminhos da literatura comparada são vários e obedecem a diferentes pontos de vista e ideologias.

Como Ferris, que acentua a impossibilidade de controle do campo da literatura mundial, daí a impossibilidade dos estudos de literatura comparada em alcançar qualquer atuação totalizante, Spivak se coloca em defesa das culturas subalternas e desmonta a hegemonia europeia. A impossibilidade revelada por este tipo de abordagem dos estudos de comparada vale-se do conceito de *indecidibilidade*, por ambas posições se insurgirem contra o binarismo e a exclusão. Esse conceito, no entender de Derrida, define-se como a impossibilidade de existência de um significado imanente, apontando para o conflito, a contradição, a intertextualidade, em resumo, “o que é demoníaco e demoniacamente ambíguo”. Cito Derrida na sua obra *Força de lei*:

O indecível não é somente a oscilação ou a tensão entre duas decisões. Indecível é a experiência daquilo que, estranho, heterogêneo à ordem do calculável e da regra, *deve* entretanto – é de *dever* que é preciso falar – entregar-se à decisão impossível, levando em conta o direito e a regra.⁴

4. DERRIDA. *Força de lei*, p. 46.

Para Ferris, o que de mais importante contém o histórico da disciplina – a situação de impossibilidade da literatura comparada, sua indecidibilidade – corresponde à sua descrição como “disciplina do exílio”. Entende ser essa disciplina a que produz a si própria por se exilar de um lugar cuja impossibilidade afirmará sempre seu exílio.⁵ É curioso, portanto, lembrar a experiência europeia do exílio, quando vários comparatistas partem para os Estados Unidos e lá ampliam o campo da comparada. Surge a necessidade de diálogo entre culturas diferentes, com o intuito de encontrar alguns pontos de semelhança entre as mesmas, abolindo-se, assim, o isolamento provocado pela ausência de intercâmbio entre nações. Exemplos são muitos, entre eles as presenças de René Wellek, criador da cátedra de literatura comparada em Yale – e autor de vários livros sobre o tema – de Erich Auerbach, escrevendo o livro de ensaios *Mimese*, em Istambul, privado de sua biblioteca, além dos teóricos mais recentes da crítica cultural, como Spivak, Edward Said, Homi Bhabha, entre vários outros.

Susan Basnett, pesquisadora inglesa vinculada à teoria da tradução como uma das correntes da literatura comparada, concorda com Spivak quando desconsidera a comparada como disciplina, redefinindo-a como um dos “métodos de abordagem da literatura”, os quais recebem diferentes interpretações conforme o momento histórico e distintos tipos de leitor. Basnett acredita no futuro da literatura comparada enquanto desprovida de caráter prescritivo na definição de

5. FERRIS. “Indiscipline”, p. 94.

6. BASSNETT. *Reflections on Comparative Literature in the twenty-first century. Comparative Critical Studies*, p. 6. Tradução da autora.
7. SOUZA. "Crítica cultural em ritmo latino". p. 143-154.

seu objeto de estudo, expandindo e transferindo experiências culturais. Permanece, portanto, a necessidade de serem colocados em xeque os controles e imposições disciplinares. As supostas crises da literatura comparada são atribuídas, segundo a autora, "ao excessivo prescritivismo, combinado com metodologias específicas distintas culturalmente, impossíveis de serem universalmente aplicáveis ou relevantes".⁶

Em artigo de minha autoria, intitulado "Crítica cultural em ritmo latino",⁷ faço referência à atual dissolução do conceito de disciplina como entidade fechada, além de apontar, a partir de reflexões já feitas por colegas, seu estatuto de pós-disciplina.

Cito:

Tanto a literatura comparada quanto os estudos culturais – e mais especificamente a crítica cultural – não se definem mais como campos disciplinares definidos e estáveis. "Teorías sin disciplina", título referente ao projeto apresentado pelo "Grupo Latinoamericano de Estudos Subalternos", tendo Santiago Castro-Gomez como um dos membros, poderia ser uma das saídas para a complexa discussão sobre o campo disciplinar contemporâneo. O trânsito das teorias, a contaminação salutar de conceitos de várias disciplinas, a elasticidade e tolerância das fronteiras textuais, seria ilusória e impossível se pensar numa situação epistemológica dessa natureza.⁸

Em virtude da operação crescente da transdisciplinaridade, tornou-se inoperante a oposição ou separação entre as disciplinas, da mesma forma que se redefiniam os objetos de estudo em literatura comparada e estudos culturais. Nada mais coerente seria reforçar, hoje, não só um clima de pós-disciplina como de pós-teoria, por entender que é por demais evidente a ausência de teorias impostas às análises textuais ou de outra ordem, além da atitude comum a muitos críticos, a de se manterem fiéis à leitura empírica e à paráfrase literária.

É importante assinalar a estreita relação entre teoria da literatura e literatura comparada, pois a teoria literária, desde sua introdução, na década de 1960, como disciplina nas faculdades de letras, não foi restritiva quanto à escolha do objeto de estudo, o que permitiu maior abertura para a recepção de teorias estrangeiras, tendo em vista a necessidade de renovar as leituras tradicionais da literatura. Embora na denominação da disciplina constasse a literatura como objeto, a sedução pela teoria falava mais alto, resultando na livre seleção de outros objetos, como a música, o cinema, as artes plásticas. O fechamento disciplinar que, infelizmente, ameaça hoje a academia, após um período fértil de diálogo transdisciplinar, nunca conheceu adeptos na área da teoria, pois ela sempre incentivou esse diálogo.

8. SOUZA. "Crítica cultural em ritmo latino", p. 151.

Uma das razões da pluralidade de enfoques assumida pela literatura comparada reside no deslocamento promovido pela prática transdisciplinar e pela atenção distraída em direção a uma classe de teóricos movidos pela desconfiança quanto à rigidez dos conceitos e dos métodos. A gradativa falta de identidade da disciplina não está em descompasso com a pluralidade de feições existentes nas demais, no âmbito das ciências humanas. Além do mais, a busca de identidade e rigidez disciplinar nos discursos críticos contemporâneos é uma aventura destinada ao fracasso, uma vez que a particularidade desses discursos reside justamente no rompimento dos princípios reguladores da racionalidade moderna. Em virtude da abertura e da flexibilidade dos discursos filosóficos pós-estruturalistas, representados por Jacques Derrida, Michel Foucault, Walter Benjamin e Gilles Deleuze, entre outros, é que se justifica a inserção do limite tênue entre teoria e ficção.

Essa indecidibilidade da disciplina não compromete, de maneira alguma, sua importância no interior das disciplinas de letras e de ciências humanas. Pelo contrário, o que é considerado fraqueza, torna-se força, por a literatura comparada constituir-se como responsável pela abertura transdisciplinar e transnacional. Globalização ou planetarização do mundo contribuem para a revisão de conceitos operatórios

e para a revitalização da literatura e da prática da tradução nos países emergentes.

Por ocasião da realização da Feira Literária de Paraty (Flip), em 2011, o presidente da Biblioteca Nacional assinou a concessão de uma verba de 12 milhões para bancar traduções e reedições de obras brasileiras até 2020, além de aumentar o número de bolsas de tradução da referida Biblioteca. Seria esta talvez a saída para que a literatura brasileira começasse a fazer parte do mercado estrangeiro, como já acontece em outros países, como Portugal e Argentina?

Como última provocação, pretendo discutir o tema apresentado para o XII Congresso Internacional da ABRALIC, realizado na Universidade Federal do Paraná, entre 18 a 22 de julho de 2011, como exemplo da necessidade de cada vez maior de refletir sobre o devido lugar da disciplina. Um dos objetivos que comandam os Congressos seria a tentativa de colocar ordem no caos disciplinar e de controlar sua ausência de limites diante de outras disciplinas? Reproduzo a proposta da diretoria da Associação:

A ABRALIC completa seus 25 anos de fundação num momento decisivo para a área de Literatura Comparada. A partir do início dos anos de 1990 fomos tomados por uma forte desconfiança, de natureza ética, que levou a disciplina a questionar tanto seu objeto – a literatura – quanto alguns

de seus pressupostos básicos – a centralidade do estético, o conceito de nacional. Na primeira década do novo século, no entanto, tem sido possível retomar, por meio da revisitação a um conceito como o de *Weltliteratur*, por exemplo, esse mesmo objeto e esse mesmo conceito. Sem abrir mão das desconfianças, por um lado, e, por outro, tirando partido do lugar que o Brasil ocupa, o momento é propício para discutir a retomada da centralidade dos Estudos Literários para a Literatura Comparada, o papel das teorias nesse contexto, além da própria lógica centro-periferia. Num mesmo movimento, o centro e os centros, o ético e o estético.⁹

Reveste-se essa proposta de uma série de retrocessos e de uma posição que se choca com o que defendi, neste texto, como abertura teórica. A retomada da centralização do estético, obedecendo a uma desconfiança de natureza ética, destrói todo e qualquer avanço que a transdisciplinaridade tem conseguido nos últimos tempos, no sentido de permitir a convivência salutar e não doentia entre as disciplinas, por acreditar na quebra de hierarquias no meio literário e canônico. A visão horizontal das questões ligadas às disciplinas e a valores estéticos e éticos que envolvem a literatura e seus lugares de legitimação impede a visão verticalizada e hierárquica do pensamento disciplinar. Não se trata de rasurar e de desmerecer a estética, trata-se de sempre deslocá-la, de sempre fazê-la conviver com valores que ultrapassam as fronteiras de uma única disciplina.

Semelhante é ainda a relação operada com o conceito de nacional, pois se levarmos em conta a proposta de Goethe com a *Weltliteratur*, a literatura universal – posição ainda de natureza colonialista –, verificamos a abertura cultural realizada na Alemanha pelo contato com outras literaturas. No entanto, não será no início do século 21 que devemos ignorar o caráter transnacional da literatura comparada. O momento das desconfianças torna-se, contudo, prolífico e carregado de redefinições e revitalizações teóricas. Retomar a centralidade dos estudos literários para a literatura comparada enclausura tanto o objeto quanto o método, pois toda e qualquer tentativa de delimitação do campo de atuação analítica redundará em fracasso e em perda da visão comparatista.

A retomada da literariedade demonstra também a ineficácia da proposta, não podendo ser um tópico central para a literatura comparada. Os centros de gravidade das disciplinas não mais se situam onde vigoravam há mais cinquenta anos. Tanto a literatura quanto o método comparativo sofreram transformações ao longo dos anos, principalmente em virtude das mudanças culturais e políticas aí realizadas. As disciplinas têm histórias, não essências. A mutabilidade e o espaço nômade dos conceitos e reflexões só tendem a ampliar, na atualidade, o horizonte nem tão sombrio da disciplina/indisciplina literatura comparada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart Almeida. **As literaturas estrangeiras modernas em tempos de pós e muito mais....** v.3, n.3. Porto Alegre: Conexão Letras, 2008.

BASSNETT, Susan. **Reflections on Comparative Literature in the twenty-first century. Comparative Critical Studies**, volume 3, issue 1-2, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRIS, David. Indiscipline. In: SAUSSY, Haun. (Ed.). **Comparative Literature in the age of globalization**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2006.

SCRAMIN, Susana (org). **O contemporâneo na crítica literária**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

SOUZA, Eneida Maria de. Crítica cultural em ritmo latino. In: **Tempo de pós-crítica**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2012, p. 143-154.

SPIVAK, Gayatri C. **Death of a discipline**. New York: Columbia University Press. 2003